

UMA LUZ QUE NUNCA SE APAGA

Thiago Brum¹

Resumo

Para se pensar o cotidiano é preciso vê-lo, mas como prestar atenção aos detalhes de algo que já se tornou banal diante do movimento que rege nossas vidas? Poderia a arte estar presente num ato tão simples como o de caminhar pela rua? Neste texto, trago reflexões sobre essas questões, me utilizando da história de uma luz que nunca se apaga para discorrer sobre o pensamento de que as constantes transformações sofridas ao longo das nossas vidas podem ser usadas como uma ferramenta do olhar. Palavras-chave: visão, movimento, memória.

Abstract

In order to think about the daily, we must see it, but how to pay attention to the details of something that has already become banal in the face of the movement that governs our lives? Could art be present in an act as simple as walking down the street? In this text, I bring reflections on these questions, using the story of a light that never goes out to reflect on the thought that the constant transformations undergone throughout our lives can be used as a tool to look.

Keywords: vision, movement, memory.

Introdução

Quando eu era criança, acreditava que existia alguém que, no final da tarde, apertava um botão e ligava todas as luzes dos postes nas ruas, esse cara olhava pela janela conferia se já era hora de apertar o botão de ligar ou não. Só depois de muitos anos eu descobri que as luzes são fotossensíveis e ligam sozinhas quando a luminosidade fica baixa, o que por um lado é legal, a tecnologia pode ser legal, mas por outro, a figura da pessoa que aperta o botão existiu somente na minha cabeça.

Assim, fui aprendendo que a cidade tem sua própria vontade, suas próprias forças em constante transformação, Deleuze e Guattari (2005) falam sobre como usamos nossas casas para criar uma espécie de território seguro, protegido das forças do caos que operam o mundo exterior, nos escondemos atrás de paredes, muros, sons e cheiros familiares. Sendo assim, entrar em contato com a cidade pode ser uma forma de se expor a tais forças, desbravar um território que opera em um outro ritmo, que nos muda, altera a batida que rege as nossas vidas e nos permite ver de outra forma, estarmos atentos. Essa quebra de ritmo é como levar um susto, o coração dá um pulo, quase sai pela boca e volta para o seu lugar, batendo em outro tempo, e por consequência tudo muda.

Onde eu quero chegar né galera? Eu me pego constantemente falando de Uruguaiana, a cidade onde eu nasci e cresci, como, desde que saí de lá, muitos anos atrás, a cada visita eu percebo que eu e a cidade estamos em uma crescente falta de sintonia. Uruguaiana é uma cidade pequena, que flui no ritmo de cidade pequena, as casas desbotam com o passar dos anos e as ruas parecem cada vez menores e mais estreitas, nada é igual a anos atrás, nem eu nem a cidade.

Nas últimas férias eu pude visitar a minha cidade novamente, digo minha, mas não me pertence, eu carrego comigo fragmentos dela, lembranças, cores e cheiros que dão as caras quando querem. E foi caminhando pelas ruas de Uruguaiana sob um sol escaldante que eu vi um poste de luz em pleno funcionamento, uma árvore cresceu logo ao seu lado e envolveu toda a parte onde fica a lâmpada, a deixando constantemente no escuro, e assim, constantemente ligada. Uma luz que nunca se apaga graças a essa relação simbiótica que se desenvolveu entre o poste e a árvore. Vendo isso eu decidi que queria registrar o fenômeno, tirar uma foto, escrever um texto, fazer arte. Passei por lá muitas vezes, sempre lembrando que a foto precisaria ser tirada logo, afinal a lâmpada poderia queimar ou alguém poderia cortar a árvore, mas a foto nunca foi tirada, a lâmpada não queimou e a árvore não foi cortada. É sobre isso que eu gostaria de falar para vocês, sobre uma foto que nunca tirei, sobre essa luz que nunca se apaga, que vai brilhar até dar o seu último suspiro, numa cidade que deixei para trás.

No entanto, antes de começarmos eu gostaria de tirar algumas coisas do caminho. Como você deve ter percebido nesse texto eu uso a primeira pessoa. Essa é uma escolha consciente, e aceita dentro do campo das artes visuais, baseada no fato de que as experiências aqui retratadas partem da minha vivência e também de um processo de experimentação artística que está sempre em transformação. Desta forma, este texto não fala sobre um processo finalizado, Lancri (2002), diria que ele parte na verdade de um meio, sai da minha produção artística e vai de encontro aos referenciais teóricos que permeiam a permeiam, a alimentando e se alimentando dela. Um objeto de estudo que está em processo e que vai se construindo juntamente com os pensamentos teóricos que o cercam.

Paisagem

Ontem eu abri a porta de casa e a rua estava em total silêncio, foi impossível a não perceber, olhar bem para os dois lados enquanto tentava entender o porquê esse dia

¹ Graduando em Artes Visuais pela UFPEL, é formado em Administração pela PUC-RS e possui especialização em Finanças, Controladoria e Auditoria pela FSG, atualmente atua nos grupos de pesquisa Patafísica e Lugares Livro, ambos vinculados a Universidade Federal de Pelotas.

era diferente dos outros, uma pequena alteração, que não era nos prédios, nem nas cores e nem na iluminação. Isso fez com que eu parasse e olhasse a cidade com outros olhos, me fez ver as mesmas cores nos mesmos prédios e sob a mesma luz de uma forma totalmente nova, em silêncio. Dias (2008) lança ao leitor uma pergunta: “O que se produz entre o olhar e o espaço cotidiano, urbano ou não, para que esse último possa ser percebido como paisagem?” Para a autora, é na pressa, no movimento constante do dia a dia que perdemos o contato com o mundo que nos cerca, e assim, ele se transforma em paisagem, é no ver e rever e ver novamente que o espaço urbano passaria a se tornar invisível, meio de passagem para nossos corpos e mentes sempre em movimento, deixando de perceber os detalhes corriqueiros que nos cercam.

Deleuze e Guattari (2005), dizem que na rua, ou nos espaços que não controlamos, fora dos ninhos que construímos, existe o caos. Porém, o caos não é a ausência de ordem, de ritmo, pelo contrário, nas ruas operam todos os ritmos que ali são possíveis de existir, todos agindo uns sobre os outros. Assim, cada pessoa, cada prédio e até as cidades têm os seus próprios ritmos com os quais nos habituamos com o tempo, e assim, nosso próprio ritmo passa a se misturar e a se confundir com os ritmos com os quais nos relacionamos. Nosso cotidiano passa a fazer parte de nós, se torna invisível pois passamos a caminhar no mesmo compasso, vemos ao nosso redor elementos que temos como nossos, passamos a pertencer, e por consequência os lugares também passam a nos pertencer um pouco.

Mas então, como ver nosso cotidiano com novos olhos? Como voltar a perceber os pequenos detalhes corriqueiros que deixamos escapar quando nossa visão e nossos corpos estão tão imersos no ambiente que nos cerca?

Movimento

Jorge Drexler, em sua música “movimiento” (2017) fala sobre como somos uma espécie em constante movimento, que percorre grandes distâncias às vezes a procura de algo novo, novas pastagens, novas relações, novos corpos. Mudança assusta. Muitas vezes na minha vida já me peguei pensando que se encontrasse o Thiago do passado iríamos acabar brigando. Quando criança eu chorava com facilidade e ao menor sinal de não conseguir o que eu queria eu corria e me escondia por horas para ver se fazia alguém mudar de ideia, nunca funcionou. Na adolescência eu acreditava que o meu gosto musical era o melhor, eu era um sujeito chato. Esses e tantos outros Thiagos ocuparam esse corpo ao longo dos anos, quem sabe daqui a alguns anos eu ache o Thiago de hoje um cara chato, que escrevia sobre como era uma criança chata e assim por diante. Eu disse tudo isso para aqui no final deste parágrafo citar o Stuart Hall (1997) quando ele diz que a nossa identidade é continuamente transformada a partir da nossa relação com os sistemas culturais que nos rodeiam, a ideia de uma identidade fixa e imutável é uma ilusão, ou seja, o número de Thiagos que vão existir é mais ou menos proporcional com a quantidade de relações que eu fizer com o mundo, um ser em constante movimento.

E é na transformação que podem estar as respostas que estamos buscando, Kathryn Woodward (2000) diz que a identidade se dá de forma relacional, mas não vendo o que já conhecemos, caminhando no mesmo ritmo no qual seguimos nossas vidas, mas sim vendo o diferente e experimentando outras culturas, outros ritmos. Dessa forma somos capazes de olhar para nós mesmos por outro ângulo, passamos a questionar o que faz parte do nosso ser. A anos atrás, quando fui embora da cidade de Uruguaiana, o lugar onde nasci e vivi até meus vinte e poucos anos, eu passei a ver em mim características de alguém que vinha de lá, da fronteira. No entanto, quando pude voltar lá pela primeira vez eu percebi que a cidade já não era mesma, e eu não era o mesmo, as ruas estreitaram, algumas casas mudaram de cor e outras apenas desbotaram. Os cabelos

dos meus pais cada vez mais brancos, tudo não novo, mas diferente, algo que eu mal notaria se não tivesse ido embora. Um descompasso que com o passar dos anos só se intensificou, assim como a saudade de algo que não existe mais. O que carrego daquela cidade que deixei para trás são memórias, fragmentos de cores, cheiros e sons que mesmo que ainda estejam lá, não são mais os mesmos.

...só percebemos os corpos exteriores enquanto eles nos afetam, só percebemos nosso corpo enquanto ele é afetado, percebemos nossa alma através da ideia de afecção. Aquilo que chamamos de “objeto” é apenas o efeito que tem um objeto sobre nosso corpo; aquilo que chamamos de “eu” é apenas a ideia que temos do nosso corpo e da nossa alma, enquanto sofrem um efeito. Aquilo que é dado se apresenta aqui como sendo a relação mais íntima e a mais vívida, e também a mais confusa, entre o conhecimento dos corpos, o conhecimento do corpo e o conhecimento de si. (Deleuze, 2017, p. 131)

E foi a partir dessa experiência que passei a notar cada pequeno detalhe de uma cidade que me pertence não pertencendo mais, uma cidade que vejo porque deixei de ver, Dias (2008) define essa experiência como fissura, o rompimento entre o tempo da rotina e a instalação de um tempo de um certo ponto de vista, um novo ritmo onde o espaço cotidiano ganha matéria, relevo, e assim se eleva diante de nossos olhos, ganhando novos significados e um novo sistemas de pesos e importâncias.

Meus trabalhos

Tradicionalmente quando vou visitar mais pais, o meu pai me espera com algum serviço para fazermos. Nas férias de 2017 meu trabalho foi limpar um terreno totalmente tomado pelo mato, algo que para meu pai é um processo natural, as plantas crescem e devem ser cortadas, e eventualmente voltam a crescer. Uma tarefa banal, que provavelmente seria realizada por algum moleque da vizinhança em uma ou duas tardes. Porém a minha relação com esse trabalho acabou se tornando uma experiência para os sentidos, uma oportunidade de me conectar com a terra, ouvir os seus sons e sentir os seus cheiros, Dias (2008) poderia definir essa experiência como um se aproximar para habitar, para olhar no comum, no espaço corriqueiro, a diferença. Para a autora o ato de retratar uma experiência banal de uma maneira poética é uma forma de fornecer novos sentidos, nos fazendo ver e rever um detalhe qualquer, detalhe esse que pode nos suscitar o desejo de ver, direcionando a nossa visão ao cotidiano. E dessa experiência surgiu um pequeno zine, chamado “Carpir um Lote” (Figura 1), que relata a minha experiência através de desenhos e pequenos textos que falam um pouco das coisas que vi, pensei e senti durante o processo.

Foi a partir de “Carpir um Lote” que resolvi começar a retratar com meus desenhos e com as poucas palavras que escrevo a minha relação com o cotidiano das cidades nas quais vivi. Não é interessante pensar na possibilidade de que podemos ser arte a todo o instante? Que muito do que vemos e vivemos pode já ser arte neste exato momento? Ferverza (2006), através de uma série de questões nos coloca em posição de questionar as fronteiras da arte e a sua presença no nosso cotidiano.

Então, existiria a possibilidade de que fôssemos arte neste instante? E talvez não somente aqui e agora, mas amanhã no início da tarde, ou ontem ou anteontem dentro de um ônibus ou no meio de um trabalho? Haveria a possibilidade de pensar que seria arte o gesto de levantar hoje pela manhã, sentir o cheiro do café, de abrir a janela? Mas, também, por que não, o caminhar pela rua, observar o verde da grama na praça, escutar alguém que assobia sentado num de seus bancos e a cidade onde ele se encontra? Haveria a possibilidade de que fosse arte mesmo um gesto ou um estado de indefinição? (Ferverza, 2006, p.83)

O zine “Carpir um lote” surgiram outros trabalhos voltados a olhar para o cotidiano como um meio em constante transformação, o zine “Trinta” (Figura 3), de 2018, acom-

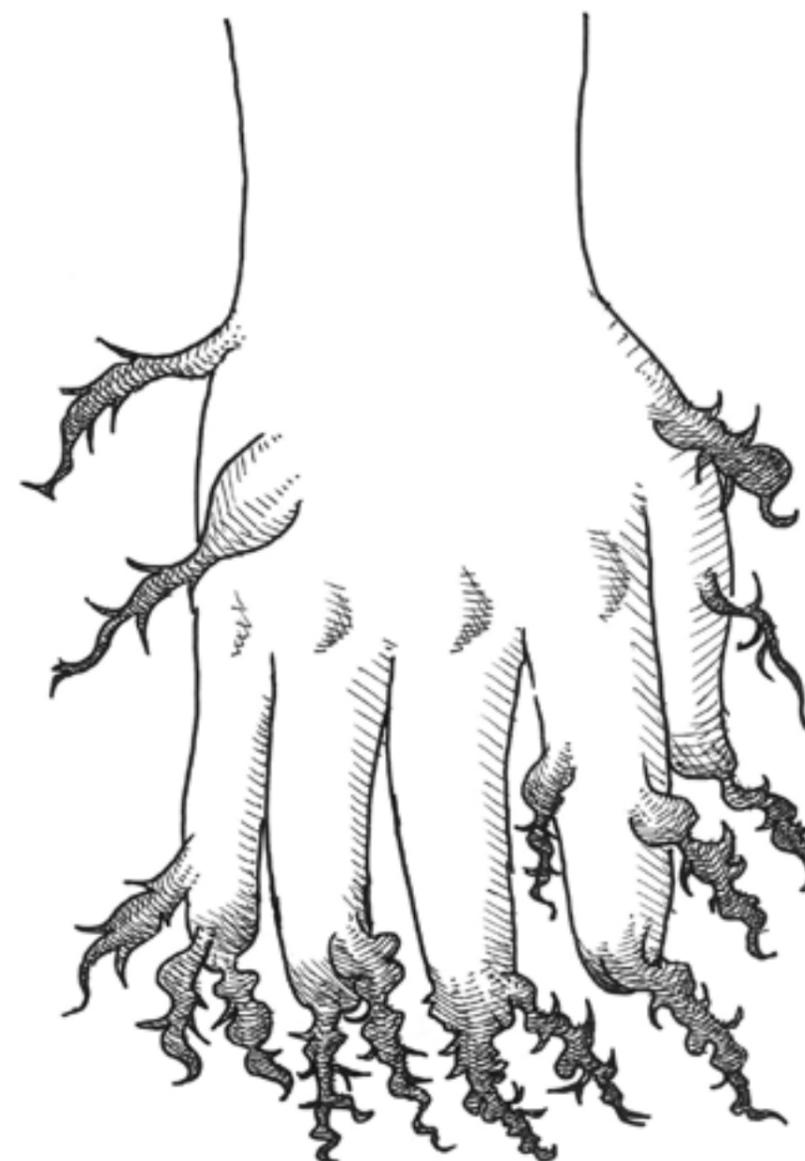
panha o reflexo de um personagem no espelho ao longo de sua vida, vendo o seu corpo como objeto de transformação. Dias (2008) nos fala sobre como os detalhes podem ser micro-eventos que inquietam à nossa maneira de ver, que transformam o espaço cotidiano em espaço viajante, nos fazendo ver o imprevisível no previsível, fixar a atenção para além dos contornos já conhecidos. Assim, as pequenas transformações diárias que vemos no espelho aos poucos vão acumulando e transformando nossos corpos lentamente, de forma que mal percebemos as mudanças até que elas tenham se acumulado por algum tempo.

O que meus trabalhos questionam é como conceber uma paisagem quando o olhar chega ao seu limite e que, então, somos convidados a explorar um continente cego? A partir dessa ausência, dessa falta, adentramos em zonas enevoadas e imprevisíveis, entramos nas dobras do dia e da noite, da visão e da invisão. Se o nosso mais íntimo desejo é nunca deixar de ver, ver paisagem na minha prática artística seria ocupar a outra margem do rio, seria ajanelar o espaço da rotina para olhar, olhar no cotidiano lá onde aparentemente não haveria nada para se ver. (DIAS, 2008, p. 139)

CARPIR UM LOTE



Figura 1: Thiago Ribeiro – Capa - “Carpir um Lote” – Zine, 12,5 x 15 cm, 2017. (Fonte: Acervo Pessoal)



Eu podia sentir nas mãos a terra se
abrir e as raízes se partindo

Assim como eu, que constantemente mudo e me transformo, essas memórias e pensamentos mostrados nos zines deixam de fazer parte da realidade de onde eles foram recortados, viram fragmentos, que segundo Calabrese (1987), são pedaços deslocados de um todo que não pode mais ser completado, que está ausente, foi quebrado e só pode ser reconstituído através de hipóteses, de um sistema de presenças. Uma ideia que pode ser reforçada por Hall (1997), quando nos fala sobre fragmentação estrutural que as identidades sofrem na modernidade, onde as relações de pertencimento se tornam cada vez mais complexas e múltiplas. Essas memórias não são mais parte de lugar algum, os lugares é que fazem parte delas, assim como fazem parte de mim, nenhuma delas é a minha casa, eles são na verdade a minha bagagem, parte de um sujeito em constante movimento, um sujeito que, como diz Drexler (2017), pertence um pouco a todos os lugares, e todos os lugares lhe pertencem um pouco.

Figura 2: Thiago Ribeiro – Página - “Carpir um Lote” – Zine, 12,5 x 15 cm, 2017. (Fonte: Acervo Pessoal)



Conclusão

Na rua dos meus pais em Uruguaiana não se usa a calçada, as pessoas caminham pelas beiradas das ruas, perto do meio-fio e foi dessa posição que eu vi um poste de luz envolto pela copa de uma árvore, sua lâmpada queima produzindo aquela luz alaranjada que estamos acostumados a ver cobrindo a cidade a noite. No mesmo instante eu lembrei de um menino andando por essa mesma a rua muitos anos atrás, era uma noite de verão, ela parava em baixo de cada poste de luz e ficava ali alguns segundos, logo a luz apagava. Nessa noite ele me explicou que apontando uma caneta laser para a luz do poste ela pensa que já é dia e se apaga, nem eu nem ele conhecíamos o termo fotossensível. E naquele momento eu estava ali, vendo exatamente o contrário acontecer, a luz do poste brilhava a despeito de toda a luminosidade produzida pelo sol.

Deleuze e Guattari (2005) nos falam sobre como na rua opera o caos, um turbilhão de ritmos acontecendo ao mesmo tempo, e em meio a esse caos estavam a árvore e poste, trabalhando em conjunto para criar um território somente deles, e transformando o tempo da cidade à sua volta. Meu único registro desse fenômeno é o texto que você está lendo agora, não tirei nenhuma foto, tentei e não consegui desenhar aquilo da forma que eu via. Ferverza (2006) nos atenta para a possibilidade de existir arte a todo instante, e no momento em que parei minha caminhada naquela tarde diante de uma luz que teimava em continuar acesa, eu digo que vi arte. E “ver” talvez seja a palavra chave de toda essa questão, ver exige perspectiva, movimento. E movimento é transformação, é deixar outros ritmos se cruzarem o nosso próprio, é mudar o mundo à medida que ele nos muda, evitando a estagnação do nosso olhar, os permitindo encontrar no nosso cotidiano momentos de arte que de outra forma deixaríamos escapar.

Referências Bibliográficas

CALABRASE, Omar. *A Idade Neobarroca*. São Paulo: Martins Fontes. 1987.

DIAS, Karina. *Notas Sobre Paisagem, Visão e Invisão*. Revista Visualidades, Universidade Federal de Goiás, 2008.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa e o Problema da Expressão*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2017

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, FELIX. *Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia*, Volume 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 2005

DREXLER, Jorge. *Movimiento*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=llGRyRf7nH4>> Acessado em: 29/07/2018

FERVENZA, Hélio. *Limites da arte e do mundo: Apresentações, inscrições, indeterminações*. ARS. São Paulo, v. 4, n. 8, p. 82-91. 2006.

HALL, Stuart. *A identidade Cultural da Pós Modernidade*. 10ª ed. São Paulo: DP&A. 1997.

LANCRI, Jean. *Colóquio sobre A Metodologia da Pesquisa em Artes Plásticas*. In: BRITES, Blanca e TESSLER, Élida (orgs). *O meio como ponto zero. Metodologia da pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002. Cap. 1, p.15-33.

WOODWARD, Kathryn; HALL, Stuart; DA SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. Cap.1, p.7-55.